

VILLA LÓIOS: O PORTO DE TRÁS PARA A FRENTE

Enquadramento Histórico

O projeto de reabilitação Villa Lóios, de uso residencial (11 fogos) e comercial (4 lojas), engloba quatro edifícios de um quarteirão histórico do Porto, da freguesia da Vitória, na transição da Rua de Trás para a Rua Estreita dos Lóios. Este quarteirão estabeleceu-se entre dois pontos-chave deste centro - o Largo dos Lóios e a Torre dos Clérigos - símbolos, respetivamente, do desenvolvimento da cidade intramuros (em torno da Porta e do Convento de Santo Eloi), mas também do seu desenvolvimento extramuros (a partir da Porta e do Largo do Olival). Entre esses pontos existiu um importante troço da Muralha Fernandina, no dorso da qual corria, paralelamente, a Rua de Trás (antiga Rua de Trás da Lágea, aberta em 1583). Essa sua condição de "rua traseira" manteve-se após o derrube da muralha, no final do século XVIII, agora em relação à nova Rua dos Clérigos, erigida para enquadramento da frondosa fachada da igreja barroca.

O projeto insere-se, por conseguinte, num tecido muito denso, onde rareiam logradouros ou espaços de ventilação interior, rodeados por ruas e vielas estreitas cujo traçado se manteve quase inalterado ao longo dos últimos séculos. No entanto, e aproveitando um lote vazio, entre os quatro disponíveis (produto de uma antiga demolição), o projeto procura, não apenas gerar um novo acesso aos diferentes lotes vizinhos, ventilando as suas traseiras, como também consolidar o tecido da Rua de Trás, dignificando a sua fachada urbana; isto é, reabilitando a cidade "de Trás para a Frente".

Estratégia de Reabilitação Urbana e Arquitetónica

O projeto Villa Lóios respeita a relação tipo-morfológica preexistente, potenciando a matriz de cada um dos quatro lotes do quarteirão e, deste modo, evitando quaisquer opções de "fachadismo". Assim, e ao contrário do que ocorre em muitos projetos de reabilitação no centro histórico do Porto - os quais optam pela associação de lotes formando uma única estrutura interna e uma única materialidade -, este projeto reforça a importância das paredes de meação entre lotes, garantindo a relação identitária das fachadas com os interiores, mas também, e onde possível, a materialidade construtiva de cada estrutura precedente (em pedra ou madeira). Para o efeito, foi realizado um estudo aturado das cotas de todos os pisos existentes, de modo a desenhar, no novo edifício de transição, no centro do conjunto, uma zona de acesso comum, piso-a-piso, aos lotes mais antigos. O acesso à zona comum faz-se através de um portão, no piso térreo, estendendo-se a um pátio traseiro, e deste a uma escada de ferro de dois lanços, ancorada no novo edifício central, complementada por um elevador. Em cada patamar deste edifício estabelece-se a distribuição para os diferentes lotes, sendo os acertos de cotas estabelecidos no interior de cada fração (num único piso ou em solução duplex).

As frações residenciais adaptam-se às características históricas e arquitetónicas do respetivo edifício onde se inserem: nos apartamentos da Rua Estreita dos Lóios, mantêm-se visíveis as antigas estruturas de madeira caíada, enquanto, nos restantes apartamentos, evidenciam-se os novos pisos e tetos em betão, em contraste com os espaços de serviço - cozinhas e casas de banho - localizados em "caixas-contedor" de madeira lacada, as quais dividem as salas comuns dos espaços de dormir. O mesmo acontece no desenho das fachadas principais e dos respetivos pisos recuados. Na Rua Estreita dos Lóios mantêm-se as paredes rebocadas e as caixilharias em madeira; já no gaveto com a Rua de Trás, recuperam-se os belos azulejos da fachada, e revestem-se os andares recuados com a tradicional chapa ondulada pintada. Os últimos dois lotes da Rua de Trás assumem a sua modernidade. O lote do extremo Ponte, reconstruído no início do século XX, mantém a sua fachada rebocada de desenho racional. O edifício central, erigido no âmbito deste projeto, traduz, descomplexadamente, quer a sua contemporaneidade, quer a sua materialidade - lajes e sacadas em betão aparente - sem deixar, no entanto, de estabelecer um diálogo com as proporções dos vãos vizinhos, em caixilharia de madeira lacada, enquanto tema compositivo da nova fachada.

Em resumo, a Villa Lóios remete-nos para a memória das vilas ou dos pátios comunitários, de ocupação operária ou burguesa, que encontramos em muitos núcleos urbanos densos. Ao trazer a cidade de "Trás para a Frente", este projeto respeita a matriz urbana do Porto, assim como o processo histórico da sua transformação.

FICHA TÉCNICA

ARQUITETURA

Atelier Pedra Líquida

EQUIPA

Alexandra Grande, Nuno Grande, Carlos Campos, Guiomar Rosa, Tiago Antero, Jorge Gomes, João Leandro

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Carlos Campos

FISCALIZAÇÃO

Ana Sousa

ESPECIALIDADES

Estabilidade e Hidráulica - AB Projectos;

AVAC - GET

Acústica - Amplitude Acoustics

Electricidade, ITED, SCIE - CPX

Arqueologia - Arqueogees

PROMOTOR E CONSTRUTOR

Atelier Pedra Líquida

DATAS

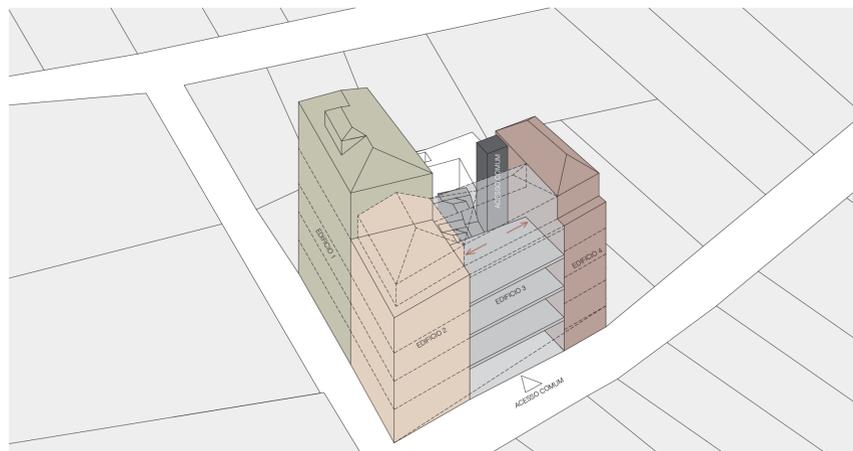
2015-2018

FOTOGRAFIA

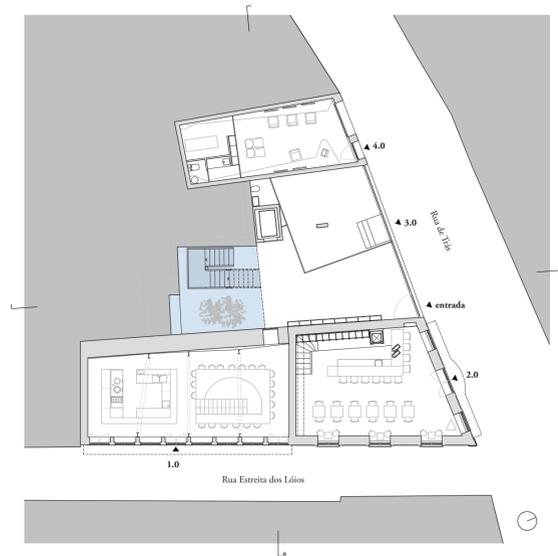
Atelier Pedra Líquida

Alberto Plácido

ORGANIGRAMA DA PROPOSTA



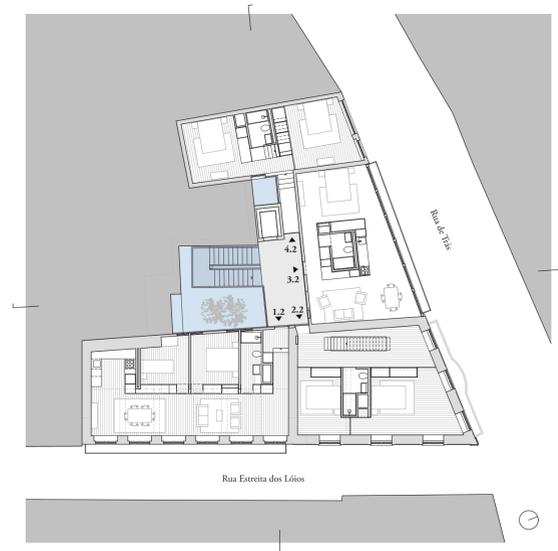
■ EDIFÍCIO 1 (séc. XIX) ■ EDIFÍCIO 2 (Transição para o séc. XX) ■ EDIFÍCIO 3 (Volume proposto, séc. XXI) ■ EDIFÍCIO 4 (1ª metade do séc. XX)



Planta piso 0 | Esc. 1:200



Planta piso 1 | Esc. 1:200



Planta piso 2 | Esc. 1:200



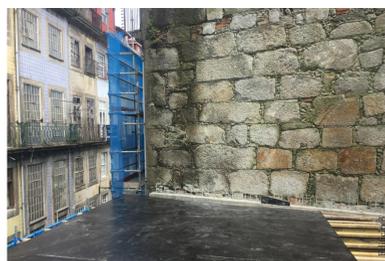
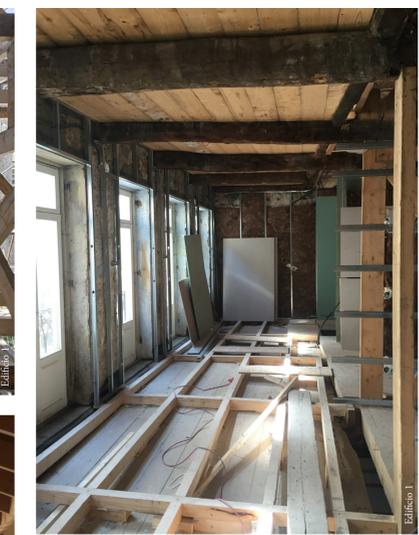
Corte A | Esc. 1:200



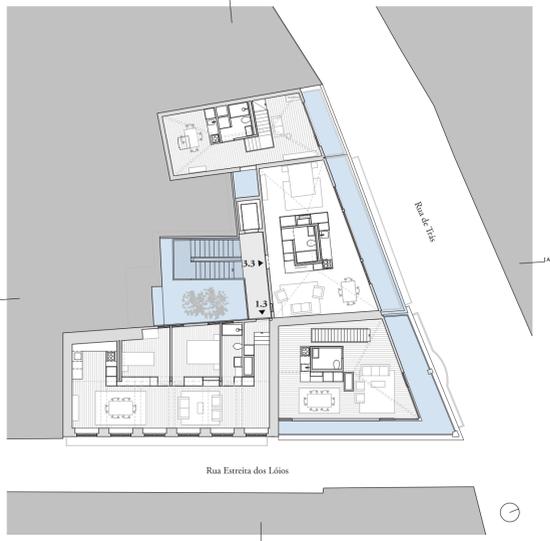
Alçado Rua Estreita dos Lóios



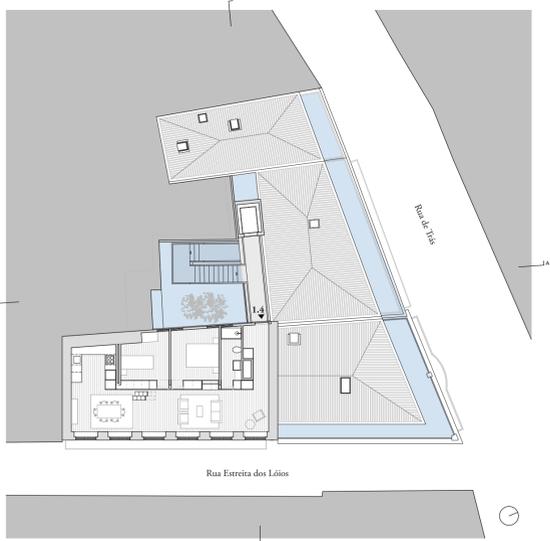
O conjunto a reabilitar era composto por 3 edifícios nos quais era necessário intervir devido ao seu mau estado de conservação. A existência de um lote vazio posicionado entre os três lotes permitiu reestruturar os acessos verticais: foi criado um novo edifício "ponte" que preenche o vazio urbano existente e permite o acesso aos edifícios contíguos. O acesso vertical é feito através de uma escada situada no pátio em articulação com este novo edifício, sendo complementado por um elevador.



Os trabalhos efetuados foram faseados, tendo início nos Edifícios 1 e 2. Nestes, optou-se, onde possível, por um sistema construtivo baseado em estruturas de madeira, mais próximo dos métodos tradicionais de construção. Nos Edifícios 3 e 4, em face da sua reconstrução contemporânea, optou-se por um sistema baseado em lajes de betão, as quais são assumidas em pavimentos e tetos. Ainda assim, todas as caixilharias e compartimentações interiores foram executadas em estrutura de madeira.



Planta piso 3 | Esc. 1:200



Planta piso 4 | Esc. 1:200



Planta de Cobertura | Esc. 1:200



Corre B | Esc. 1:200



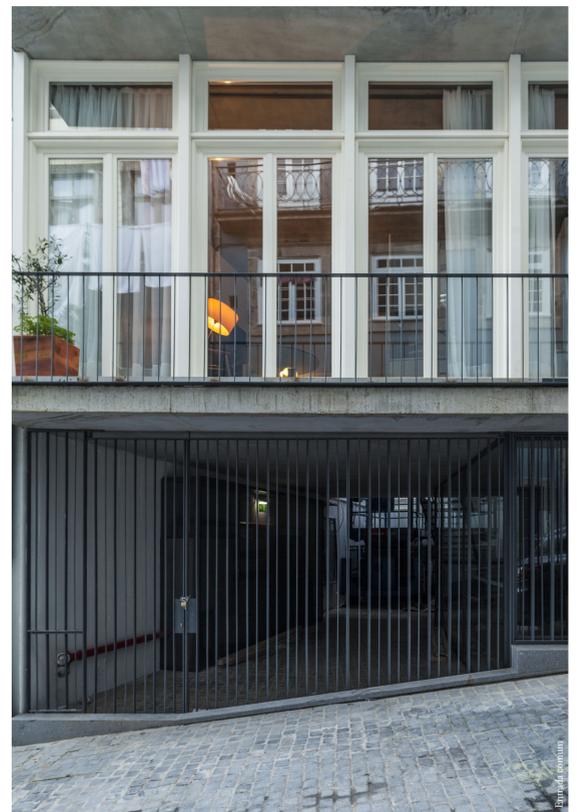
Alçado Rua de Trás



As frações residenciais adaptam-se às características históricas e arquitetónicas do respetivo edifício onde se inserem: nos apartamentos da Rua Estreita dos Lóios, mantêm-se visíveis as antigas estruturas de madeira caíada, sendo introduzidos elementos pontuais que permitem o funcionamento das novas tipologias, como núcleos de serviços ou escadas nas soluções duplex. Sempre que possível os vãos e as sacadas posicionam-se de forma a aproveitar as vistas sobre a envolvente.



O Edifício 3, situado no centro do conjunto, permite o acesso ao pátio, à escada e ao elevador comuns, estabelecendo as necessárias ligações, piso-a-piso, com os restantes edifícios envolventes. Os apartamentos neste Edifício funcionam em open-space, no centro do qual, se desenha um módulo de serviços autónomo (cozinha e sanitário). Nestes apartamentos, assume-se uma linguagem e uma materialidade interiores que não disfarçam, antes destacam a sua contemporaneidade.



A fachada do Edifício 3 procura um compromisso com a composição e proporção dos vãos mais comuns neste bairro histórico. Nela, evidencia-se o vazio do piso térreo, rematado por um gradamento transparente, mas também a horizontalidade das diferentes lajes em betão, em contraste com a verticalidade dos caixilhos em madeira que "dialogam" com a envolvente. Deste modo, a intervenção dignifica e atualiza a fachada urbana desta rua, reabilitando a cidade "de Trás para a Frente".